

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

O Trabalho sobre o Silêncio

Conferência em Zaragoza

25 de dezembro de 1987

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

O Trabalho sobre o Silêncio

Zaragoza, 25 de dezembro de 1987

Leonor. – Há muitas maneiras de estar na solidão, porque pode-se estar acompanhado e estar só.

Vicente. – Está compreendendo mais ou menos?

Carmen. – Ou seja, cada iniciação é precedida de uma grande solidão; quanto mais avançada, maior.

Vicente. – Exato. Ademais, a solidão, se for analisada psicologicamente, é um vazio que você sente dentro de si, o qual não pode ser preenchido pelas pessoas que o amam, que fazem parte do seu entorno familiar ou social, é algo que deve ser experimentado.

Jesús. – Então, parece que é uma solidão, embora você esteja rodeado de gente. É necessário que se sinta abandonado, é uma coisa interna. Foi o que se passou com Jesus, que foi abandonado pela família, ou seja, abandono total, inclusive dos amigos, não?

Vicente. – É um símbolo. Todos o abandonaram, mas devemos ter em conta, de acordo com todo o processo iniciático, que o discípulo que está atravessando a crise da quarta iniciação deve renunciar a tudo: família, amizades, posições e todos os bens materiais e espirituais. Se ele não tiver mais nada que o retenha nos três mundos, o Senhor do Mundo lhe confere a quarta iniciação, que é a do Arhat. Então, ele, que já não é um ser humano como os demais, diz: “Tudo está consumado. Já está tudo feito, nada mais tenho a fazer”. É quando ocorre aquilo que se diz esotericamente sobre a ruptura, o desfazimento do corpo causal. O Anjo solar, que por tantos milhões de anos sustentava e dava vida à Alma, fica livre, retorna ao Nirvana, ou ao seu Grupo Egoico, ou ao seu Grupo de Raio, dependendo do tipo de anjo Solar, e a Alma desaparece. O espírito e a matéria são uma coisa só, isto é, o espírito está por cima da matéria, mas a matéria foi redimida pela Alma; perdeu peso, perdeu gravidade, perdeu aquilo que, tecnicamente, chamamos de carma. Então, o que acontece? O mesmo que aconteceu com a Lua quando foi abandonada, porque era intenção do Logos, sabia que aquilo não tinha mais valor para a Sua aspiração espiritual; fica como algo morto que vai se desintegrando pouco a pouco. É a redenção da matéria que facilita ao Adepto (Iniciado que recebeu a quinta iniciação) não necessitar de corpo físico, pois o Espírito tem como parte de Sua consciência todos os planos em que habitou como Alma. Toda a parte consciente redimida retorna às suas fontes originais, e aqui nada se perde. Toda a energia da substância, toda a matéria retorna às fontes de procedência: a essência elemental física, astral ou mental. O Espírito pode criar à vontade Seu corpo de expressão, porque tem o controle dos três mundos, dos três reinos, e dos três corpos, e cria o *Mayavirupa* –corpo de Luz– quando tem que trabalhar no mundo. Todo o processo de estruturação dos corpos é instantâneo, pois o Adepto tem poder sobre os devas dos planos físico, astral e mental. Ele cria um corpo por um ato de vontade, com a precisão dos grandes artistas e com a velocidade do raio.

Jesús. – Para ele é fácil, não?

Vicente. – Para utilizar nos três mundos.

Jesús. – Tem que ser forte, porque as vibrações são muito fortes, não?

Vicente. – Por isso um Manu, um Adepto, tem consistência vital. Basta que o Mestre

retire Sua atenção do *Mayavirupa* para que ele se desintegre completamente, e cada átomo retorne ao seu lugar de origem. Como tem um grande depósito de energia, sempre consegue Seu propósito.

Jesús. – Depois que o Anjo Solar é liberado para retornar ao seu lugar de origem, uma vez cumprida sua missão junto à alma que recebeu a quarta iniciação, é possível se comunicar com ele por simpatia e gratidão?

Vicente. – Se não estiver nos níveis cósmicos, sim.

Jesús. – Uma vez que esteja nos níveis cósmicos não pode mais?

Vicente. – São criados laços cármicos, porque ele permaneceu por milhões de anos junto à alma desde que ela foi criada no momento da individualização da Tríade Inferior na quinta sub-raça da raça lemuriana, quando vieram os Anjos Solares do quinto plano cósmico para realizar seu grande sacrifício de amor aos seres que estavam prestes a se tornarem humanos. Muitos tinham corpo físico humano, mas não eram homens ainda. Eram aqueles gigantes de que nos fala a tradição, até que chegaram a entrar em contato com as forças da natureza. Há um poder sobre-humano que aglutina todas estas forças. Devemos compreender que há uma misteriosa relação cármica entre o Anjo Solar e a Alma em encarnação devido ao contato que durou dezoito milhões de anos. A Alma em encarnação somos nós, somos a chispa da Mônada. A Mônada está no plano monádico, e de lá, através do Sutratma, se expressa em todos os planos. Isto é o que devemos compreender para ver a distinção entre a Alma em encarnação (nós) e o Anjo Solar em seu próprio plano (o terceiro subplano do Plano Mental Superior, o Plano Abstrato, para compreender o mistério do triângulo que existe entre o Átomo Permanente Mental, a Alma e o Anjo Solar. Quando este triângulo equilátero é perfeito ocorre o desfazimento do corpo causal. É quando Júpiter, Vênus e a Terra fazem uma conjunção magnífica e formam um triângulo equilátero, o mesmo que propiciou a chegada dos Senhores da Chama.

Hoje estamos atentos, porque é interessante, porque muitas coisas não se escrevem, e estão aí. Em algum momento se diz: “Interessante, isto se encaixa com o que disse tal escritor esotérico”, se vê que no fundo todos dizem a mesma coisa, havendo apenas um distanciamento no modo de expressar, no modo de opinar sobre determinado fato, mas o que dissemos antes com a duração de um kalpa, de um éon, de um mahakalpa, ou de um mahamanvantara, que é a duração de um Sistema Solar, não importa que sejam tantos milhões de anos, porque um a mais ou um a menos não tem muita importância, são quantidades astronômicas de tempo. Entretanto, para os Logos vem a ser o tempo que nós dedicamos a uma vida física. Para a consciência de um Logos um mahamanvantara é a duração das eras, os kalpas ou os yugas, que têm relação com as eras da Alma. O homem tem quatro idades também, os yugas: são as idades do Ouro, a Idade da Prata, a Idade do Cobre e a Idade do Ferro. Estamos na Idade do Ferro, que é o kali yuga, que durará cerca de cento e vinte mil anos. Assim, estamos durante todo esse tempo em um kali yuga, no qual há idades secundárias ou pequenos yugas, que são tempos de evolução, que também é do Logos Planetário. Dentro de uma Idade do Ouro pode haver uma pequena idade de ouro para aqueles que se liberam. Aí está o processo, que é uma questão de intensidade, mais que de tempo. Se alguém tem uma vida muito intensa, avança mais rapidamente porque o tempo se torna mais curto. Quanto mais intenso for o propósito do homem, mais domínio adquire sobre as leis do espaço; então, o tempo praticamente não existe, existe apenas o espaço, que é a intenção de Deus.

Jesús. – Bem, como você diz que o tempo não existe, ou só existe porque foi criado pelo homem, em outros planetas é similar à Terra com respeito aos habitantes, ou tampouco há tempo, quero dizer, com respeito à evolução?

Vicente. – Conforme você o considere, o tempo existe em todos os planetas. Mas talvez o Logos de um esquema não esteja tão interessado no fator tempo, quando vive, por exemplo, em um planeta que não é físico. Pode ser que viva em um planeta astral, ou mental, e o tempo praticamente não exista no sentido que nós conhecemos. Porém, para o Logos do esquema da Terra, ou para o homem deste esquema, o tempo tem valor, pois estamos ainda longe de poder prescindir dele, ainda que seja dentro de cânones filosóficos, por razões de espaço e tempo. Vamos distinguir o que é o espaço e o que é tempo: tempo, mente concreta; espaço, mente abstrata. Também podemos dizer que o plano astral está para o tempo, assim como o plano búdico está para o espaço. E a única maneira de se compreender, isto é educar a mente abstrata. A mente abstrata e a serena expectativa estão muito unidas, e a serena expectativa está muito ligada ao plano búdico, o qual é o plano intermediário que faz a referência em razão do tempo, representando o gênero humano com respeito a todos os demais reinos da natureza: os três reinos superiores e os três subumanos ou inferiores. O plano mediano do universo setenário é o plano búdico. É o mais importante porque está no centro, e se Deus inicia um universo, seguramente o fará a partir do quarto plano, posicionará ali o compasso com o qual será traçado o círculo-não-se-passa. A partir do ponto central do quarto subplano do plano búdico, que é o quarto plano do Sistema Solar, traça com aquele compasso, imaginariamente, todo um sistema esférico, porque realmente é uma esfera, e dentro dela realiza toda a Sua evolução. No homem ocorre o mesmo. Temos que começar a estabelecer uma esfera em torno de nós, para empregar dentro dela nossa capacidade de criar. Mas não podemos fazer isto enquanto o tempo for o fator mais preponderante que o espaço, enquanto predominar a mente intelectual sobre a mente abstrata, ou o corpo emocional sobre o corpo búdico, como acontece atualmente. O que obtivemos do plano búdico, se ainda não o alcançamos, sendo ele o quarto plano, o plano da unidade? Foi deste plano, e através da Grande Fraternidade Branca, que surgiu a Agni Yoga, a quarta yoga, porque corresponde ao plano búdico. Todas as pessoas que conseguem estar tão expectantes e afastar da mente todo o sistema anacrônico intelectual do passado, não para negá-lo, mas porque não é necessário para seguir aqui, podem ascender ao plano mental superior, onde há uma linha que separa o que vai unir aquilo que está separado hoje, porque unirá este plano com o plano búdico ou o nível superior da mente com os primeiros subplanos do plano búdico e, a cada iniciação, com o Senhor de um dos subplanos do plano búdico. Assim está tudo encadeado, mas vocês têm que começar a fazer as analogias com o quarto plano, o quarto reino, o quarto planeta, a quarta ronda, a quarta cadeia e o quarto esquema evolutivo do nosso sistema solar. Observem bem quantas coincidências. Nosso Logos Solar utiliza um plano físico que é o meio de Seu corpo físico, completamente denso, com suas variações etéricas, e por isto é considerado como um Logos de quarta ordem, porque se encontra em Sua quarta ronda cósmica, de uma quarta cadeia cósmica e, dentro de um sistema cósmico que é de quarta ordem. O número quatro é importante. O quarto Raio rege a totalidade da humanidade, que é o quarto reino da Natureza; o terceiro Raio rege a totalidade do terceiro reino. É assim em razão dos Raios da evolução das espécies, a evolução dos reinos, a evolução dos planos e a evolução dos planetas, junto com tudo

o que signifique arcanjos, anjos, devas construtores, elementais, e todas estas coisas. Está tudo imerso nesta esfera não se passa, criada pelo compasso do Logos quando escolheu um lugar no espaço e disse: “Aqui vou criar”, e aí situou Sua criação naquele imenso vazio, mantendo distanciamento de outros sistemas, porque cada um tem características próprias, da mesma forma que cada planeta dentro de seu próprio Sistema Solar também tem as suas. As características da humanidade de Vênus são muito distintas das da Terra, porque Vênus está cumprindo a quinta ronda de sua quinta cadeia, enquanto a Terra está na quarta ronda da quarta cadeia. Está uma cadeia e uma ronda mais avançada que nós. Portanto, pode nos ensinar muito. Marte se encontra no mesmo nível da Terra: quarta ronda da quarta cadeia. Entretanto, a evolução da humanidade de Marte é menos avançada, da mesma forma que os demais reinos, porque lá ainda não se operou a magia do Criador desse estado iniciático; os únicos planetas onde foram aplicadas as mesmas técnicas iniciáticas do Universo foram Vênus e Terra. Vênus, por ser um planeta sagaz, seu Logos planetário estava capacitado para receber um impulso extraordinário, e a Terra, por ser o Alter Ego de Vênus, seu esposo, digamos. Vênus, apesar de sua elevação, é um planeta de tipo negativo ou receptivo, enquanto que a Terra é um planeta positivo. Assim, temos um matrimônio cósmico. O matrimônio celeste entre a constelação da Ursa Maior e a constelação das Plêiades, trouxe como consequência a vinda da constelação de Sirius, de sua estrela Sirius, e da constelação do Cão. A ligação da Terra com Vênus trouxe como consequência a vinda de um Filho desde Júpiter. Então, temos as mesmas leis que regem o sistema cósmico aplicadas ao nosso planeta, que é um planeta de quarta ordem, físico.

Carmen. – Então, os habitantes de Vênus não têm carma?

Vicente. – Têm outro tipo de carma. O carma é uma lei.

Carmen. – Entretanto, não tão duro, não?

Vicente. – À medida que a pessoa evolui, o carma torna-se menos duro. Isto pode-se aplicar a qualquer situação e a qualquer hierarquia no mundo humano, há uma superação constante. Nós estamos aqui criando uma hierarquia, é como se líquidos de diferentes densidades fossem misturados em uma garrafa, e nós estamos todos dentro desta garrafa como essência espiritual. Ao ser agitada a garrafa, parece que a mistura é uma coisa só. Mas quando se deixa a garrafa em repouso, se vê que cada elemento, cada ego se situará em seu nível e não pode passar dali, vai passando de densidade em densidade até criar sua própria hierarquia ou uma hierarquia superior.

Jesús. – Esse é o círculo-não-se-passa?

Vicente. – O círculo-não-se-passa é criado pela própria pessoa. Cada um tem um limite, Alfa e Ômega, um princípio e um fim. Você não pode ultrapassar o Ômega dentro de suas aspirações ou seu trabalho, mas o esforço desde Alfa pode fazer com que o Ômega vá se estendendo, que sua radiação seja cada vez mais ampla. A Hierarquia é a mesma sociedade, a sociedade humana. Inclusive pode-se ver na sociedade dos animais, onde sempre há uma hierarquia em cada espécie, que forma a vanguarda dos que serão os protótipos da espécie. O indivíduo mais apto, o animal mais apto será aquele que regerá o destino de sua espécie. Os minerais também têm sua hierarquia, desde uma pedra tosca até uma gema preciosa; tudo pertence ao Reino Mineral, mas existe uma hierarquia, baseada em maior vibração, maior interpretação dos destinos cósmicos. Então, você pode perceber quais são as suas possibilidades, de acordo com o seu círculo-não-se-passa. Isto se aplica a todos. Há

diversos graus hierárquicos, e falamos de iniciações. Existem iniciados que têm as duas primeiras iniciações (iniciações preparatórias); vêm depois os que têm a terceira, a da Transfiguração, quando venceram o físico, o astral e o mental. Daí vão ascendendo aos níveis superiores, passando para o quarto reino da Natureza quando obtêm a quarta iniciação, a da Crucificação, que é de um Arhat. Neste ponto é quando se sofre o rigor da crise do Calvário. Depois vem a quinta iniciação, a *Quinta Curva do Grande Caminho*, como se diz no mundo das iniciações. A sexta iniciação é a dos Chohans. Um Chohan tem o poder de trabalhar com as energias de um Raio, mas não o poder sobre o Raio. A sétima iniciação é a que corresponde ao Manu, ao Cristo e ao Mahachohan. A oitava é a do Buda, que é o intermediário entre a Hierarquia e Shamballa. O Senhor do Mundo, Sanat Kumara, é a autoridade suprema no âmbito do nosso planeta, e ostenta a nona iniciação. O Logos Planetário, responsável pela evolução de toda a Cadeia Terrestre, tem a décima iniciação. Assim é a Hierarquia.

Não existe fim para a evolução, nem para a paz, nem para o amor. Estas coisas vão crescendo, crescendo, vão se estendendo, ocupando cada vez mais espaço. Há cada vez mais espaço, menos gravidade, menos carma, menos situações conflituosas e, portanto, há tudo quanto podemos suportar, até onde possa chegar nossa mente. Porém, estas coisas estão acima da nossa capacidade de compreensão.

Jesús. – Quer dizer que o Senhor do Mundo não está sozinho em Seus momentos difíceis, tem um apoio superior, assim como nós também temos, guardadas as devidas proporções, ou seja, não recai sobre Ele toda a responsabilidade?

Vicente. – A relação Mestre-Discípulo está em todos os planos e em todas as hierarquias. Assim, a iniciação rege o sistema de Mestres e vários outros sistemas inferiores. No ritual de Wesak, o Cristo recebe a oferenda do Buda, que é mais avançado. Ninguém pode receber a força da bênção do Buda se não for através do Cristo. O Cristo Se prepara para o estado de Buda, e o Mestre Koot Humi, discípulo do Cristo, está Se preparando para ser o Bodhisattva da próxima ronda, e tudo vai seguindo esta ordem. Não é questão de constelações, pois o tempo de domínio das constelações habituais duram cerca de dois mil e trezentos anos, depende da abertura do Raio de cada signo astrológico. Assim, tudo pode se aplicar, tendo em conta que um sistema astrológico é a reunião de doze hierarquias ou doze Entidades que estão observando o nosso Logos Solar, assim como o Logos Solar nos observa. Aplicando sempre a analogia nunca nos enganaremos, porque Hermes Trismegisto, o Pai da Sabedoria, escreveu o Livro dos Iniciados com todo o seu conteúdo de sabedoria.

Carmen. – O Livro dos Iniciados existe no Plano Físico?

Vicente. – Devemos lê-lo no fogo do éter, onde leem os grandes videntes, os iluminados, onde os discípulos buscam inspiração quando o intelecto os ofusca. Então, recebem indiretamente o que é a inspiração do que estão procurando decifrar.

Jesús. – É por isso que, para poder lê-lo, tem que ser um iniciado.

Vicente. – Deve-se ter os olhos e os ouvidos preparados para resistir ao fogo e à escritura cósmica ou akáshica.

Jesús. – Olhos físicos, ou o olho interno?

Vicente. – O olho físico não pode ver nada. É o trabalho para poder ver. O trabalho, porque somente vemos o que é denso. Entretanto, se houver um nível etérico, há uma prodigiosa multidão de elementais e de formas que não podemos ver. Há momentos em que podemos ouvir, mas nunca podemos vê-las. Escapam aos nossos sentidos, pois ascendem ao segundo ou terceiro subplano etérico do nosso Plano Físico.

Jesús. – Ou seja, falta-nos um grau de evolução para consegui-lo.

Vicente. – E agora você começa a trabalhar nos primeiros subplanos do plano astral sendo consciente disso, e vai ascendendo até chegar aos subplanos superiores, tendo em conta que cada subplano tem sua ordem e seu número, e está relacionado com todos os demais subplanos de todos os planos. Eu digo que não devemos pensar tanto na iniciação, mas sim pensar no trabalho que deve ser feito aqui e agora. É prático, mas, para que a coisa seja efetiva, tem que passar do simplesmente místico, intelectual ou esotérico para o terreno da ação, que é onde o discípulo falha quando passa do conhecimento para o terreno prático. E falhamos todos aqui, que é quando estamos absorvidos pelas leis da natureza, pelas leis ambientais, por tudo quanto nos rodeia. Então, não somos senhores dos nossos corpos, mas são eles os nossos senhores, são eles que nos controlam, nos dominam, nos obrigam a pensar, nos obrigam a desejar e a sentir.

Sei que todos vão se calando, permanecendo atentos, vendo que tudo, por mais que subamos, sempre fica preso a este ponto central, este ponto de atenção do qual surge todo o mistério da iniciação, o mistério da evolução, o mistério das Hierarquias. Tudo isso ocorre nesse ponto que somos nós quando estamos muito atentos, deve-se trabalhar aqui e jamais paralisar a ação.

Carmen. – Vicente, o Logos do cometa Halley tem a ver também com o nosso Sistema Solar, já que se aproxima?

Vicente. – Trata-se de um mensageiro, traz coisas boas e más como todos os planetas com os quais estabelecemos contato, mas depende muito da humanidade. Um cometa extraordinário como o Halley não passa sem que seja afetada uma porção do sistema que ele atravessa. É como se além do sistema galáctico houvesse razões que estão acima do cósmico, e de vez em quando enviassem Seus mensageiros, que são mais sutis que a própria substância dos mundos. Portanto, levam algo. Pode ser um Logos, um planeta em movimento ou um Sol em movimento que está deixando um halo de luz que jamais se extingue, porque este planeta, este satélite ou este cometa está visitando a Terra desde há milhões de anos, conforme demonstram antigos registros. Há um circuito parabólico que abarca uma extensão prodigiosa do cosmo e está absorvendo energia dos planos superiores para trazê-la aos inferiores. Esta é a missão de todos os cometas, independentemente do que diga a ciência, porque ela trata da matéria, de raios gama, raios ômega, etc. Não se mete em outra coisa, como no caso do sistema atômico, quando se descobriu o próton, o elétron e o nêutron, já está tudo pronto. O esotérico pode ver o que há dentro do elétron, dentro de um próton, de um nêutron, assim como de um sistema solar. O cientista se perde, enquanto o clarividente iniciado tem a capacidade de introduzir-se no átomo, assumir a microscópica dimensão do átomo, e constatar que se trata de um sistema idêntico ao sistema solar, com suas evoluções de todas as classes. O infinitamente grande e o infinitamente pequeno são sujeitos à mesma lei, variando apenas a dimensão, em cumprimento ao Princípio Hermético: *“Assim como é em cima, assim também é embaixo; assim como é embaixo, assim também é em cima”*. Se aplicarmos isso ao nosso Sistema Solar, diremos que o que se passa com o Logos Solar é o mesmo que ocorre no âmbito da diminuta vida que anima a substância do átomo, e também a de um elétron, que é a menor parte de um átomo. Pensem, meditem, e verão que se aplicarem a analogia, cada pergunta será respondida corretamente e de imediato.

Interlocutor. – Vicente, me veio à mente uma frase que você disse: “O ser humano é

um corpo de desejos.” Realmente, estamos todos rodeados, em nossa vida cotidiana, pelos desejos materiais, pelos desejos da sexualidade, são uma envoltura social e atual neste mundo moderno, neste mundo atual no qual estamos vivendo. É o que mais está nos envolvendo, e contra o que mais estamos lutando. Talvez exista em nossa atmosfera uma grande egrégora de matiz sexual, criada em épocas passadas, que ainda está influenciando esta sociedade moderna. O que você poderia dizer sobre isto? Como podemos evoluir através dos desejos, e como estar atentos para que eles não nos façam involuir?

Vicente. – É a atenção ao Eu, ao contrário do que estamos fazendo. Estamos atentos ao corpo físico, ao corpo astral e ao corpo mental, e esta atenção nos afasta do Eu verdadeiro, e este é o conflito social. Por um lado, estamos tendo essas ideias esotéricas que são muito interessantes, mas que sempre dão um pouco de estabilidade em todos os planos. Ao mesmo tempo, vemos que estamos caindo como caem os seres humanos, o que é lógico. Através do tempo temos criado uma série de egrégoras, uma série de elementais inferiores que se converteram nesta máquina social que está nos absorvendo constantemente. Lutamos sim, porém é difícil nos livrar de sua atração. Se nos mantivermos atentos, estaremos no centro da questão, esse ponto zero do qual se deve partir, pois neste ponto há de haver um centro de atenção constante. Se você estiver atento, perceberá se você é o corpo emocional, se é o corpo mental, ou se é o corpo físico. Cada veículo de expressão da Alma tem suas próprias tendências, sua própria gravitação para o depósito de energias do qual procede, e do qual tiraram toda a substância de que é feito. Então, permaneçamos atentos. Não digo que isto ocorra constantemente, mas há momentos de atenção. Se permanecerem atentos a tudo o que ocorre dentro e fora, perceberão que há uma distinção entre o Eu e o não eu, entre o Eu espiritual e a matéria, cada um em seu lugar. *“Dai a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar”*. Cesar são os corpos, é o tempo; Deus, neste caso, é Deus, a força que nos inspira para as alturas.

Devemos ficar atentos às situações psicológicas, mais que às físicas. Sempre nos passa alguma coisa, psicologicamente falando; devemos trabalhar aí, para ver o que realmente motiva nossos atos. A pergunta que deve ser feita como discípulo é: Qual é minha motivação principal? Se você fizer uma pergunta sincera, terá uma resposta honesta e sincera também, saberá exatamente se você é o corpo, (que o obriga a agir em um dado momento), o desejo, ou sua mente. Por isto digo que seria bom que comesçassem já. Isto é uma coisa que quero que meditem, para que não pensem que quero estabelecer uma disciplina. Deixem de pensar, sempre que puderem. Quando não têm nada que fazer, o que faz o pensamento? Querem estar sós, mas não estão, porque estão acompanhados por seus pensamentos. Bem, então, o trabalho é ver se podem eliminar, não a mente, mas estes pensamentos que os estão mortificando. Pela manhã, à tarde, à noite, a qualquer momento, o pensamento os está mortificando. Pois bem, assim como eu, vocês têm o poder de eliminá-los e deixar a mente completamente vazia. Quando tiverem tempo, inclusive fazendo algo habitual, corriqueiro, onde existe um automatismo ou um maquinismo, podem deixar a mente trabalhar. Um pensamento vem, não custa nada um esforço para livrar seu campo mental dos espinhos e das ervas daninhas. Quando a mente, com o tempo, com os anos, tiver dominado o silêncio, vocês começarão a usufruir as delícias de “cavalgar o potro domado”, como está no Livro dos Iniciados: *“Ó, Discípulo! Vais experimentar no silêncio a delícia de cavalgar o potro domado”* das paixões, dos desejos, da mente e do

corpo, porque onde há silêncio há pureza.”

Jesús. – Acho que quando tentamos fazer um pouco de silêncio interno centrados no que fazemos, como, por exemplo, na meditação, a mente busca todas as coisas que poderiam chamar sua atenção. Comigo isto não acontece. Cheguei à conclusão de que quando emprego menos a atenção, mais permaneço em vazio. É uma depuração. Também imagino que seja um processo como fazer exercícios físicos para formar o corpo, cujo resultado é lento. Então, creio que tudo o que tentamos fazer só dá resultados a longo prazo, é uma das lutas que temos também que vencer primeiro, não é?

Vicente. – Sim, a meditação às vezes é uma escapatória da realidade. Devemos buscar o silêncio real, pois o pensamento é sempre algo negativo, do ponto de vista superior. Portanto, vocês deveriam compreender as razões pelas quais digo isto. Talvez não tenha falado a nenhum outro grupo sobre o silêncio, sobre a possibilidade de se verificar através de um trabalho sobre a mente. Deve-se ver, por exemplo, se é necessário, quando procuram aquele silêncio que não penetre outra coisa, sabendo que é muito difícil e que levariam anos para se liberarem da mente ou do que há dentro dela. Mas, porque não tentam? Porque não deixam o tempo de lado e aproveitam somente o espaço onde só há paz e segurança? Porque, quando alguém medita busca uma programação mais ou menos intelectual, mais ou menos esotérica? É esta a realidade? Os Mestres estão nos ensinando há muitos anos que a técnica do silêncio é a única que pode nos liberar. Nos princípios da Raja Yoga ela nos obrigava a exercícios mentais, a trabalhar com pensamentos-semente. Porém, à medida que a raça avança, aumentam as possibilidades e vai entrando a força de Shamballa no mundo, devendo-se modificar a técnica, a qual vai do intelecto à intuição. O vazio que vai do intelecto à intuição é silêncio. Então, porque não praticar o silêncio?

Jesús. – Acho que é algo que se tenta a todos os momentos. Eu, pelo menos, tento. E se me escapa, é porque pode ser algo que estou iniciando e, então, tenho um processo de depuração. Entretanto, vejo que há um desgaste.

Vicente. – Porque você é impaciente, quer ver resultados imediatos. Mas uma máquina que vem desde o princípio dos tempos não pode ser paralisada de uma vez. Vá com calma e paciência, não pense no tempo, apenas comece. Mas o pensamento-semente é um ponto de tempo dentro do espaço da mente. Bem, comece a trabalhar sem pensamento-semente, sabendo que é difícil, e que não vai obter resultados imediatos, pois está só começando. Vá estendendo o intelecto através do tempo, tenha mais conhecimentos esotéricos e todas estas coisas, mas saiba que não é nada prático. Talvez, dentro de dez anos, diga: Caramba! Que coisa maravilhosa vi dentro de mim! É o trabalho lento e continuado do silêncio que você foi estabelecendo. Não tome um prazo como medida de educação, porque o prazo é falso. Seguir a lei é seguir o processo desde o ponto inicial até o ponto terminal. Não é questão de tempo, mas de decisão, de compreensão. Se quiser, mais científico, de síntese. Está trabalhando com fogo, não mais com água. Os grupos esotéricos ainda trabalham com água, mas devem passar a trabalhar com fogo, pois já passou a época da água. Estamos trabalhando com o da máxima intensidade, porque é o fogo de Shamballa. Entretanto, se não começarem agora a compreender isto, jamais conseguirão. Devem se preparar, fazer silêncio, e deixar o lugar de oração ou de culto sempre em silêncio, que não entre nada estranho onde estiverem se reunindo constantemente, que entre somente o silêncio naquele ambiente, que ele seja sagrado. Quando estiverem no local em

silêncio, retirem-se em silêncio; se tiverem que falar, que seja fora. Sabem o que é a descompressão dos mergulhadores quando voltam à superfície, vindos de grandes profundidades? Precisam de uma câmara de descompressão, onde haverá silêncio e espaço, ficando o tempo do lado de fora, o tempo que cada um tem em sua relação com o carma, compreendem? O silêncio deve ser a norma, mas não é um silêncio estático, é dinâmico, é de primeiro Raio. E quando entrarem na sala de meditação, o silêncio os absorverá cada dia mais, e preencherá pouco a pouco sua vida individual. E assim, pois, vocês irão se tornando magos, e trabalharão o mundo de acordo com certas normas serenas, de habilitação psicológica, coisa que ainda não fizeram. Então, verão que as discussões de grupo, as opiniões deste ou daquele não têm importância, porque tudo o que isto significa vocês terão deixado fora, no umbral. Quando estiverem dentro –terão que repetir isto muitas vezes– quando adentrarem o santuário que escolheram, nada deverá haver além de silêncio, e em silêncio cada um ocupará o lugar que escolheu, depois de uma invocação aos devas, ao mundo ou ao Cristo, isto é coisa de cada um. Entretanto, uma vez realizado o culto de silêncio em sua reunião, retirem-se sem falar. Falo de um ashram superior e sei o que se deve fazer. Portanto, a mesma Lei de Analogia que serve para o ashram de um Mestre serve também para um pequeno grupo de discípulos como o de vocês. Devem trabalhar desta maneira, em silêncio, deixando que o espaço tenha mais importância que o tempo em seus corações.

Carmen. – Só assim poderemos ser mais úteis.

Vicente. – Só assim irão reduzindo a bagagem do seu tipo de eu inferior, irão realizando coisas grandes, evitando as pequenas. Entretanto, não esperem o amanhã para fazer isto; se compreenderam o que eu disse, comecem agora e auxiliem os outros a superarem esta prova que será difícil, porque o silêncio é fugidio, nos escapa. Não conseguimos permanecer em silêncio, pois vem o pensamento e nos domina, pensamos em alguém ou em algo. Se nos mantivermos no silêncio, nos esforçando para deixar isto de lado, pouco a pouco veremos que criamos um ponto de luz na mente, o qual irá crescendo cada vez mais até iluminar todos os pensamentos inoportunos, deixando entrar apenas os pensamentos positivos, aqueles que podem realmente nos ajudar. E todos os grupos que penetrem devem observar as mesmas leis do silêncio, cada um tendo o silêncio em sua medida. Se o silêncio abranger o nível emocional, já se terá ganhado algo. Mas, se quiserem dispor de um recinto sagrado aonde acorram os devas, não comecem a falar ou discutir depois de uma meditação. Deixem o recinto em condições que permitam aos devas trabalharem com o que vocês deixaram ali.

Carmen. – Devemos deixar entrar a pessoa encarregada da limpeza?

Vicente. – Quem faz a limpeza não pensa nestas coisas. Só pensa em limpar, ou deveria ser assim. Ela não diz: “Vou limpar os devas”, não sabe nada disso. A pessoa que cuida da limpeza não interfere, porque está em um nível que não afeta a pureza daquilo que vocês estão criando. Em compensação, cada vez que vocês entram ali se encontram em um silêncio natural, não terão que se esforçar para criar um silêncio, porque já o criaram, é a sua contribuição para a causa da Grande Fraternidade. No entanto, se não compreendem isso, não o façam. Mas se compreendem, não esperem mais, porque assim terão um carma de grupo. Entenderam mais ou menos o que quis dizer? Não os obrigo a fazer coisa alguma. Digo que deveriam aceitar que é correto de acordo com experiências ashramicas. Já sabem que escrevi meus livros graças a uma

inspiração ashrâmica.

Interlocutor. – O que está dizendo é que cada um deve reservar um espaço de sua casa para realizar as práticas?

Vicente. – Também é um bom ponto para os que podem fazê-lo, já que nem todo mundo tem a oportunidade de ter um canto onde se recolher.

Interlocutor. – No caso de não haver um cômodo destinado exclusivamente a isso, ou se alguém tiver que dormir ali, não teria nenhum problema?

Vicente. – Não, pois a pessoa não vai pensar em modificar aquilo. Está no caso da vibração de um nível de densidade diferente, com pensamentos e motivos totalmente diferentes do nível em que vocês estão.

Interlocutor. – Há alguma técnica com base na duração do tempo que passamos juntos, e à frequência com o grupo?

Vicente. – Individualmente?

Interlocutor. – Individualmente, e também coletivamente.

Vicente. – Individualmente, em todos os momentos. Devemos estabelecer silêncio sempre que estivermos atentos, e isto no sentido individual. Você pode falar com um cliente e estar atento, não para fins comerciais, mas atento à pessoa, e perceber que há uma paz. Mas, se você gosta de discutir, de falar, isto será difícil. Nos primeiros tempos terá que se permitir um pouco de falação, mas deixando mais espaço ao silêncio do que à tagarelice.

Jesús. – Isto pode ser também a aprendizagem em nível de grupo, já que para chegar a se aperfeiçoar é necessário superar pequenos fracassos, porque estamos nos depurando, porque nossa presença no lugar que escolhemos voluntariamente é um trabalho voluntário e de amor.

Vicente. – E qualquer amigo tem vários níveis de atividade: um nível físico, onde desenvolve suas atividades profissionais; um nível emocional, onde julga a ação daquilo que está fazendo, o que sempre causa enganos; um nível mental de apreciação, e um nível espiritual, sobre o qual falo. Não falo de níveis acima do qual considero adequado para um grupo da Nova Era, mas são vocês que estão estabelecendo dentro do grupo uma série de atividades que, sem ser realmente exercícios ou disciplinas, devem fecundar o grupo. Façam isto individualmente sem perda de tempo. Pratiquem o silêncio, leiam muito, mas não passem a meditar sobre o que leram. Estejam atentos, porque assim compreenderão. Não é necessário voltar atrás para ver se se equivocaram, para ver se compreenderam o que foi lido. Não parem o ritmo da dicção, porque se estiverem atentos estarão compreendendo. Mas, como são impacientes, buscam resultados rápidos e espetaculares, e isto nega a vida espiritual, porque trabalhamos num ritmo em que vemos uma alternativa cósmica, não uma alternativa simplesmente social, embora isto seja o princípio do cósmico. Observem bem o que digo, o que faço para que o grupo tenha uma personalidade psicológica do ponto de vista da Alma, e que os deusas os contemplem, que os ajudem e os tornem conscientes desta situação.

Interlocutor. – Este caminho leva ao que se diz no Caminho: estar neste mundo sem ser do mundo.

Vicente. – Estar no mundo sem ser do mundo.

Interlocutor. – Quando estamos sem ser, logicamente vamos criando ao nosso redor uma vida muito singular que vai nos distanciando do nosso modo de vida. As pessoas percebem a positividade neste sentido, que isto representa uma ajuda, e que o nosso

estado interno indica que estamos no caminho. Não significa que quando alguém realiza um trabalho espere uma recompensa. Entretanto, quando está realizando um trabalho tampouco é uma certeza, mas tem que sentir-se estimulado para continuar.

Vicente. – Estou de acordo, mas o estímulo está no trabalho, não no resultado. Isto é básico, porque se você trabalhar buscando um resultado se esquecerá da essência do que está fazendo. Enquanto agir sem pretender resultados terá paz, porque a meta nos manterá presos a ela. Quando um discípulo é admitido em um ashram e busca um resultado espetacular, o Mestre lhe diz: “Não há resultado”. É o seu movimento que interessa, não o que você possa desenvolver para que todos vejam que você cresceu, que fala muito melhor, que tem muitos conhecimentos esotéricos. É isso que acontece em muitos grupos. Mas, se houver uma união, uma atenção, um silêncio, haverá uma radiação, e esta radiação estará em você, mesmo que fale de negócios, mesmo que esteja comendo, ou trabalhando, estará sempre em você esta radiação. Portanto, dizer que “Vou ajudar a esta pessoa” é falso, porque se você estiver bem, poderá ajudar, mas se estiver mal, não poderá. Falo de irradiação, mais do que de ação. Quando me perguntam: “Vicente, o que posso fazer para ajudar aos demais?” Seja radioativo, tenha paz, e a paz se estenderá como um círculo, pondo-o em contato com todas as pessoas que o rodeiam dentro do contexto social.

O silêncio é como uma sinfonia, como uma música. Vai invadindo-o, invadindo, e você vê que esta música se ouve igualmente quando está discutindo qualquer tema, quando vê qualquer situação conflitiva na qual você não presta atenção (e tampouco deve prestar). Está simplesmente atento ao que ocorre, e como não apresenta animosidade contra ninguém, esta é a paz. Esta paz se irradia e, quando muita gente tem esta paz, haverá a liberação social, ou o estado de consciência social. A consciência social –à qual se refere o Mestre Tibetano– é o Antahkarana, mediante o qual passamos do quarto para o quinto Reino.

Interlocutor. – Esta paz de que você fala não pode ser confundida com um estado de indiferença?

Vicente. – Não! Eu diria de impassibilidade, não de indiferença. Uma pessoa pode ser impassível sem ser indiferente. Portanto, devemos estar muito atentos a esta questão.

Interlocutor. – Ou seja, que as coisas não se compliquem.

Vicente. – Que as coisas não penetrem em você, mas que você infunda vida a elas em virtude da sua reação. Isto sim, é básico. A reação é a essência do trabalho do discípulo e dos iniciados também. Tudo tem que vir com o tempo, tem que vir mediante o estímulo da ação correta. Entretanto, digo-lhes como grupo, que se praticarem durante um ano notarão o resultado, e isto os incitará a buscar outro ano que seja ainda melhor, ou seja, estando mais atentos. O discípulo pode fazer uma avaliação psicológica do que realizou, do que realmente conseguiu dentro de si, menos dependência do meio, por exemplo, menos afã lucrativo, mais amor por seus semelhantes. Tendo isto, terão tudo. O que acham que seja a vida espiritual? Não é um sistema anacrônico distinto do passado no qual os místicos se refugiavam nos conventos ou numa caverna para orar a Deus e pedir pela humanidade. As coletividades religiosas têm que desaparecer nesta Era, não aportam nada para a sociedade com a oração religiosa. Em vez disso, o homem espiritual, o homem ativo, o homem que está em silêncio, este homem é um fator positivo, é um discípulo. Não se liberam dentro das comunidades de frades, de monjas, não há liberação. Há uma separação do contexto social, digam o que disserem, mesmo que digam que vão

ajudar a humanidade, cada um busca a superação da ordem a que pertence, mas não veem o conjunto da humanidade com sua miséria, sua fome, suas lutas fratricidas, não há amor, há apenas um afã de crescer espiritualmente, e isto é a negação da vida espiritual. Por isto não há misticismo puro.

Tampouco é interessante que exista a levitação de um santo, como Santa Teresa de Ávila, João da Cruz, Miguel de Molina ou de outros místicos, pois isto não é nada mais que um simples efeito astral que nada tem a ver com o espírito, e que, portanto, não aporta nada de novo à sociedade, salvo que existem leis desconhecidas pela ciência. A ciência é que deve preocupar-se em saber por que isto existe. Ela deve comprovar, para adquirir dados, compará-los, e então, produzir resultados práticos para a humanidade. Se todo mundo agisse assim, teríamos a cura do câncer, remédio para todas as doenças, teríamos um mundo astral limpo, sem esta profusão de elementais que estão gravitando sobre nós, e que nos induzem a pensar, a sentir ou a agir. Assim, há um trabalho a fazer, lento, porém constante, e começado pelos grupos. Considerem que o seu grupo é um pequeno ashram da Hierarquia; entrem conscientes quando se reunirem e façam isto em nome do Mestre. Cada um deve decidir, quando se sentir em Seu lugar: “Esta meditação é em nome do Mestre”, sabendo o que implica o termo Mestre, Aquele que pode lhes dar a paz. Não devemos intelectualizar a vida espiritual, o conhecimento vem à medida que tenhamos paz. Quanto mais paz tivermos, mais conhecimento esotérico teremos, lendo ou não lendo, porque tudo está escrito no livro da natureza, no Akasha. O conhecimento dos antigos filósofos, dos grandes místicos, dos grandes Iniciados, dos Mestres e da Grande Fraternidade está escrito ali, é um livro aberto. E quando os olhos estão abertos e os ouvidos estão ouvindo constantemente, são melodias sublimes da natureza.

Interlocutor. – Vicente, no caminho do discipulado está o Discípulo em Provação. Depois, o Aceito, e a seguir no coração do Mestre. Temos que passar por todas estas etapas antes de obter a primeira iniciação?

Vicente. – Sim. Serão conscientes ou não destas etapas, mas terão que atravessá-las. Talvez já as tenham atravessado, pelo menos algumas delas, quem sabe, mas o que interessa é que é obrigatório que passemos por estas etapas.

Interlocutor. – Nessa ordem?

Vicente. – Nessa ordem, porque agora como estão sendo observados, talvez eu seja o meio que o Mestre utilize para que, através de mim os esteja observando, que lhes diga o que têm que fazer. Depende de que vocês digam: “Sim, isto é verdade” ou “Isto me parece interessante.” “Seguramente, ele fala em nome do Mestre”. Não se pode dizer tudo, somente que se vocês estiverem no coração, haverá um eco a isto porque é verdade, não porque eu o diga ou porque seja um representante do Mestre, já que ninguém pode lhes dizer isto, nem eu tampouco.

Interlocutor. – Também poderíamos solicitar ajuda, falar com a própria Alma?

Vicente. – Sim, mas a forma de falar com os demais é a intenção pura, é a palavra que eles entendem, porque muitas de nossas palavras nos escapam porque não têm consistência nem pureza para expressar o que há no nosso coração.

Interlocutor. – Falar com o coração?

Vicente. – Exato! Pensar com o coração e senti-lo, e seguir este caminho até o final sem parar. Provem, examinem, ensaiem este processo e vejam se podem resistir ao silêncio, se podem resistir a estar uns momentos sem dizer nada, sem pensar em nada e sem que venha o pensamento afastá-los, com a intenção focada como se houvesse

uma luz orientando toda a sua vida. Aqui está o segredo: levem o silêncio concreto ao silêncio abstrato, e verão que vai se estendendo um círculo, verão que o intelecto os oprime cada vez menos, que o pensamento não os perturba tanto, e que existe um mundo abstrato que está penetrando em vocês, que os está verificando de certa forma e até certo ponto. Para mim é maravilhoso ter a oportunidade disto. Que será, por exemplo, quando eu não existir, se puderem reconhecer que sou realmente um enviado do Mestre para ajudá-los, se não compreenderem agora que estou aqui com vocês? Vocês se dão conta da situação? Porque, se o carma me levar para outro lugar, ficarão sem a minha presença. Devemos meditar sempre sobre a oportunidade, aproveitar tudo o que nos é dito com amor, e então, trabalhar de acordo com o que tenhamos compreendido. Não é que seja outra ciência de situação psicológica ou uma disciplina para nos fazer crescer mais rápido ou o que seja. É o estabelecimento de uma lei, a lei da ordem, a lei da justiça que somente deve assentar-se nas rochas do silêncio.

Interlocutor. – Quando um discípulo chega a certas iniciações poderia ver toda a humanidade por igual, como se fosse uma família?

Vicente. – A família é necessária para o estabelecimento de uma sociedade justa. Refiro-me à união de duas almas e dois corpos tratando de fundir suas almas em uma encarnação determinada com os filhos que Deus deu ao mundo através de vocês. Assim estão exercitando uma lei, que é a mesma lei que rege a união do Logos da Ursa Maior com o Logos das Plêiades, com o Logos da constelação do Cão, que deu permissão a um dos filhos da estrela Sirius para que concebesse um novo sistema solar, que é este no qual existimos. A família é uma extensão do programa cósmico. Se vocês se amam, não há problema. O mal é quando existe um compromisso sem amor, como na maioria dos matrimônios que vemos por toda parte. Não há amor, apenas um compromisso. E pelo temor de romper um compromisso, pelas razões que sejam, está se perpetuando o problema de uma família que não nasceu para se compreender nem para se sintonizar. Falamos talvez de uma família de discípulos. Quando existem dois discípulos, seja em Provação, sejam Aceitos ou no coração do Mestre, o fruto deste amor tem importância, porque veio para justificar a medida da ordem divina, e deve-se cuidar daquela flor que nasceu do amor para introduzir os mistérios do que estão vivendo, não lhe dizendo o que deve fazer, mas exemplificando com sua conduta, amando intensamente e desapaixonadamente, sem apegos. Então, amem-se!

Jesús. – Já que estamos neste tema do matrimônio, quando um casal, por exemplo, passou pelos primeiros momentos difíceis de sua união e os superou, eliminando todas as asperezas de sua união e cultivando o amor com liberdade, podem em outra vida se reunir, ou têm que cumprir carma, hipoteticamente, com outras pessoas, com outros seres? Ou esse casal pode continuar em vidas sucessivas como pai e filho, marido e mulher? Pode ser assim?

Vicente. – Pode ser que sim ou não, depende dos laços cármicos que tenham estabelecido, pela intensidade do amor ou do ódio que tenham engendrado. O ódio e o amor, que são polos opostos de uma mesma questão, farão com que voltem a ver o que não veriam por milhões de anos. Entretanto, há um refluxo de vida na união das almas que, por seu próprio mistério, foge ao nosso alcance intelectual. O importante é ter paz, porque quando temos paz estamos unidos à grande roda silenciosa da criação. Não pensem em termos de família, mas em termos cósmicos, o que não é a mesma coisa. Talvez devessem pensar em termos de família cósmica. A consciência que vocês

têm agora do matrimônio se modificará consideravelmente quando estiverem no plano astral. E quando se lembrarem de todas as suas vidas anteriores verão que amaram e sofreram com muita gente e, no entanto, não esqueceram, não tem muita importância.

Jesús. – Bem, tampouco...

Vicente. –... estamos procurando enunciar uma questão, não justificar algo. Estamos procurando compreender uma situação de um ponto de vista esotérico. Somente se unem os discípulos no serviço, o homem e mulher como amigos, ou como pai e mãe para o serviço, de acordo com a afinidade que as almas estabeleceram através do tempo, não por um capricho do destino: “Sou profundamente apaixonado por minha mulher e gostaria de voltar a vê-la” (cuidado, pois não falo de você, falo sempre de forma impessoal). Ou “Vou querer me juntar novamente com aquela pessoa a quem amei intensamente”. Aquela pessoa pode ser seu filho, pode ser um amigo distante que você deixou de visitar, mas por quem sente afeto. Existe a atração entre pessoas que se amam ou se amaram no passado e que se encontram nesta vida pela primeira vez e se sentem identificadas. É por isto que existe uma identificação.

Jesús. – Inclusive não só em nível de viver uma vida determinada, nem física, mas em um nível um pouco mais...

Vicente. – Sim, é uma identificação como almas. Portanto, se se identificarem como almas agora, talvez possam se reunir de novo como almas no futuro, daqui a milhares de anos quando voltarem a reencarnar. Existe esta comunhão que talvez vocês estabeleçam com laços harmônicos, talvez laços distantes, mas subjetivamente muito fortes. Uma pergunta que todo mundo faz: Poderei me encontrar com meus filhos depois da morte deles e da minha? Pode ser que sim, ou não, depende de muitos fatores. Há tantos fatores, tanta complexidade, que não podemos saber agora. Talvez com o tempo o compreendamos, mas agora não.

Interlocutor. – Nem nós tampouco, por muito que queiramos, vamos precipitar.

Vicente. – Tampouco, naturalmente. Mas pode haver uma irradiação de simpatia que permita reconhecer uma pessoa que amamos intensamente e que ela nos reconheça, porque também nos amou intensamente, sem necessidade de passar pelo que foram suas vidas anteriores, mas simplesmente adaptando-o ao código de leis que existe agora neste mundo.

Jesús. – Fiz esta pergunta porque tinha uma confusão.

Vicente. – Não, não se trata de confusão, é uma pergunta, e toda pergunta exige uma resposta. Portanto, se quiserem se reunir àqueles que amam, amem mais intensamente ainda.

Jesús. – Por uma parte é um pouco de egoísmo. Tampouco se trata disso, tem-se que ser individual.

Vicente. – Exato.

Interlocutor. – Este sentimento que percebemos nesta realidade física também percebemos nessa outra realidade espiritual depois da morte do corpo físico?

Vicente. – Quando tiver acesso aos Registros Akáshicos poderá saber tudo o que você foi através dos tempos, ver o quanto amou e quanto sofreu, além de ver que todos os seres com quem se envolveu trouxeram à sua vida psicológica uma contribuição, uma experiência. Você pode amar a todos, não amar uma pessoa em uma vida particular, amar o conjunto da experiência, porque dela tirou a síntese das experiências de todas as vidas. Todos temos tendência a querer perpetuar no tempo aquilo que estamos

vivendo. Eu digo que se deve perpetuar no espaço e não no tempo, pois com isto teremos a principal chave para a paz, que é o fator que unificará as consciências dos homens, não o modo de pensar, não o modo de sentir, porque isto deve desaparecer com o eu inferior ou com os veículos do Eu. Falamos de níveis de consciência que estão além e acima de tudo que estamos examinando através dos livros, que não nos falam tão diretamente destas coisas. Aqui falamos diretamente, enfrentamos uma questão ou várias questões. Isso é o que interessa, que cada vez vejamos a coisa mais clara. E nestes dias temos falado de coisas que talvez fosse interessante descobrir ou realizar, mas isto fica a cargo da consciência de cada um. O fato de ser eu intermediário entre alguém superior e vocês, talvez fosse mais correto dizer entre minha Alma e vocês, já ocorreu muitas vezes, mas é sempre novo, porque sempre evitamos as lembranças que são inúteis. Nós nos esquecemos facilmente do que nos dizem. É por isso que o Mestre insiste muito com Seus discípulos, principalmente os Mestres do segundo Raio. Os Mestres do primeiro Raio costumam dizer ao discípulo: “Quero que amanhã isto esteja bem entendido, para que não tenha que repeti-lo”. Depende do tipo de Raio: os Mestres do segundo, quarto ou sexto Raio costumam ser doces, enquanto que os do primeiro ou do sétimo Raio são bastante duros em Seus treinamentos da magia organizada ou da política dos povos, porque tais assuntos trazem avanços do mal à raça. Suas técnicas são de destruição daquilo que molesta. Assim, em qualquer momento, diante de um ato de terrorismo, por exemplo, o Mestre Koot Humi diria: “Pobres”, e transmite Sua piedade pelo mundo, enquanto o Mestre Morya diz: “Temos que acabar com isto porque é antissocial”. Ambos têm razão, do ponto de vista da economia de forças. A Grande Fraternidade trabalha com a economia de forças e é responsável pelas energias que emprega. Portanto, está dentro dos cânones da Grande Fraternidade que se tenha compaixão pelas pessoas que praticam o mal, porque terão que passar pelo duro carma. Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Terão que passar por esta grande lei, ou como dizem os Mestres de segundo Raio: “Quanto vai sofrer?”

Bem, agora podemos fazer um pouco de meditação, porque creio que é o momento oportuno para isto.